

LETRAS, HOMENS, LIVROS

pagina

Feminina

De Lorena ao Front

SADI CARNOT SANTANA

MULHER PAULISTA

Como toda boa dona de casa, sua preocupação maior é a do bem estar dos seus. Para tanto você se esmera nos mínimos detalhes: no cuidado da casa, procurando sempre modificar o ambiente, trocando as cortinas ou mudando a posição dos móveis; na cozinha, preparando novos pratos ou repetindo os que mais agradaram; na roupa, costurando, reformando ou tricotando. Quanto foram úteis os conselhos e lições de sua mãezinha! Quanto foram bem aproveitadas as horas que você dispendeu aprendendo como usar as agulhas de tricô! Você se preparou para dar ao seu marido e aos seus filhos conforto e bem estar, dentro do lar.

Mas, de repente, você compreende que seu marido ou seu filho precisam muito mais do que assistência material. E aí, então, você se transforma. Uma demonstração do que você pode fazer é a Revolução Constitucionalista de 32. Você não mais se preocupava com a disposição dos móveis e na cozinha, seus pratos não mais variavam. As agulhas de tricô tinham, então, papel preponderante em sua vida. As mesmas agulhas que você havia manejado para fazer sapatinhos, toquinhas e casquinhas para seu filhinho, foram usadas para tecer meias, cachecóis, e agasalhos para «ele», que agora combatia.

Essas agulhas que foram confidentes dos seus sonhos e ilusões, quando você via, em pensamento, seu filho moço, formado, vitorioso na vida, contemplavam, naqueles dias tristes, o esforço que você fazia para deter as lágrimas que teimavam em correr de seus olhos, e ouviam as preces que você dirigia a Deus, para que seu filho regressasse com vida.

Ninguém a ensinou como proceder em situações como essa; entretanto você saiu-se galhardamente da missão que o destino lhe confiou. Você, também, soube honrar a tradição da mulher bandeirante, incentivando os homens que voluntariamente seguiam para a luta, avivando a chama do ideal sagrado, participando, nas frentes de combate e nos campos da retaguarda, de todos os movimentos em que era exigido o desprendimento, o carinho e a dedicação de um coração de mulher.

Nunca São Paulo se orgulhou tanto de você

Sylene»



ADA GARBO sugere para este inverno

CONSELHOS

Quando estiver em um veículo coletivo ou em meio a estranhos, evite falar em voz alta ou dar à sua voz um som estridente.

Não se iluda, julgando que, dessa forma, atrairá a atenção dos que estão à sua volta. Acredite que, tão logo você lhes dê as costas farão comentários desfavoráveis a seu respeito, prometendo a si próprio, evitá-la tanto quanto possível. Procedendo dessa maneira você estará se arriscando a ser considerada como uma pessoa que desconhece até os básicos princípios da boa educação. Sendo discreta e natural você será melhor sucedida.

LEMBRETES ÚTEIS

O linho, pela delicadeza de sua fibra, deve ter um tratamento especial. Lave-o em água quente adicionando um pouco de essência de terebentina ou borax. Verá como o linho se torna macio e brilhante!

As roupas de lã branca devem ser lavadas em água morna...

na adicionando-lhe amônia, sabão branco ou sabão em flocos. As lãs de cor lavam-se em água morna com bicarbonato e sabão branco. É sempre aconselhável juntar uma colher de vinagre à água em que vai se enxaguar a lã.

Se os seus cabelos são muito secos, aplique antes de lavá-los, uma boa quantidade de óleo aquecido. Lave-os depois usando um shampoo suave e próprio para cabelos secos.

CURIOSIDADES

Segundo inquérito realizado há tempos na Inglaterra, constatou-se que os ingleses não consideram necessário que a mulher seja bela ou que cozinhe bem — o essencial é que não queira viver com a mãe. (O que você acha?)

PENSAMENTO

Menander, há 300 anos antes de Cristo, fez o seguinte pensamento: «O casamento, para falar a verdade, é um perigo, mas um perigo necessário e fatal para o homem». (Vamos divulgá-lo?)

No Mundo das Artes

Define-se atualmente em São Paulo um expressivo movimento em torno do estudo e pesquisa do cinema como arte e cultura. Já se constata muita seriedade em conhecer os múltiplos problemas que as imagens animadas pela luz suscitam em todos os campos da atividade humana. Sim; porque o cinema distende seus horizontes além do que presumimos «aver». Tanto é o seu poder maravilhoso que necessário se tornou compreendê-lo até mesmo como uma ciência filosófica inteiramente nova denominada «filmologia», a qual se incorpora hoje aos cursos universitários de França e da Espanha.

Entre nós esse profundo interesse pelo estudo cinematográfico veio lentamente se formando através da persistência de grupos heróicos, insulados no seu trabalho admirável: os cine-clubs do Brasil. Dêles haveria de surgir, em São Paulo, uma instituição de que tanto depende o futuro da cultura cinematográfica brasileira. Seu esforço denodado abrange o largo mundo da pesquisa histórica a fim de preservar-se o que ainda resta de nossos filmes produzidos nestes últimos anos. E não é somente a prospeção documental que a absorve; recolhendo metros de celulóide ficam estes sujeitos a um exame tecnicamente pericial; e mais, surge a grave questão de sua conservação longe da humidade e do calor a exigir depósitos especialmente construídos para tal fim.

Eis a alta finalidade a que se propõe uma cinemateca que ocupa destaque ímpar nos quadros da cultura nacional, a exemplo de uma Biblioteca e de um Museu de Arte ou de História.

Dessa instituição nascida em São Paulo, que é a Cinemateca Brasileira, originaram-se outros movimentos de grande influência no estudo do cinema. Daí o desenvolvimento do Seminário de Cinema mantido pelo Museu de Arte de São Paulo; das «Equipes de formação cinematográfica» exercendo útil ação educativa em numerosos colégios da Capital; do Grupo Cultura e Cinema reunindo críticos e estudiosos e que vêm realizando com tanto êxito um Curso de Cultura Cinematográfica; e, por fim, o Centro dos Cine-Clubs do Estado de São Paulo que, organizado há 8 meses, coopera com as agrimações que a ele se associaram de vários pontos do território paulista em prol da difusão cultural e artística do cinema.

E assim temos um surto verdadeiramente progressista de entidades e pessoas que lançam os marcos definidores de nossa pequena contribuição ao imenso e moderno saber cinematográfico do mundo inteiro.

CARLOS VIEIRA

Advertisement for Nelson Cabeleireiro featuring a portrait of a man and text: 'NELSON CABELEIREIRO. Ganhe um "shampoo" apresentando, em uma visita a este cabeleireiro, o recorte deste anúncio.'

R. DOZE DE OUTUBRO, 684. 1.º And. — Sala 13 - Lapa SÃO PAULO

Nós, do 5.º R.I., já nos habituáramos com o toque de reunir. A princípio, a gente o atendia com afobeza, com vontade de que desse em qualquer coisa. Mas, depois de tanto assopro a-tôa do corneteiro Mario, a soldadeca começou a «pular» da formatura.

Sargento, dá licença de ir à enfermaria curar o meu dedo? — «Seu» tenente, será que o senhor me deixa ir ao entêrro de minha tia? Meio chateado com o pouco caso da turma, aos seus toques, cabo Mario resmungou: — Esses récos estão brincando, quando menos esperarem, o Regimento embarca, eles sobram. O sorteio deu muito grande. O Exército devia aceitar somente voluntários, como o sargento Serapião e cabo Antenor, de gente que se um dia ouvisse o toque de debandar, ficasse no corpo da guarda esperando pelo toque de última forma...

Estava o corneteiro nesse amoo todo quando o oficial do dia o chamou: — Corneteiro! toque reunir! Embarcamos imediatamente!

Os dentes de cabo Mario clareavam como se fossem teclado de piano a escuridão. Era aquela talvez uma das mais gostosas gargalhadas de toda a sua vida e que proferia enquanto, em marcha, marcha, galgava a escadaria da Casa da Ordem, a fim de executar o toque.

Não sei dizer se os quartéis de hoje ainda engajam em suas fileiras bons corneteiros. Posso afirmar, no entanto, cabo Mario, do 5.º R.I., assim como um prelinho do 6.º R.I., le Caçapava, eram dos maiores de todo o Exército daquele tempo. Não eram só de tocar a xépa. Sua alvorada, seu silêncio, seu reunir, eram qualquer coisa de magnífico para a alvorada, dolente para o silêncio e, sobretudo para o reunir.

A cidade de Lorena, a quem conheço mas que me não conhece, estava de uma tristeza de fazer dó, naquela noite. O vento parecia agulha a saltitar na folhagem do jardim da praça. Paisanos nas ruas via-se um ou outro. Mulher, nem para remédio. Pobre Lorena, não fossem os sapos de tuas ruas, a gente podia pensar que você não passasse mesmo de uma cidade morta.

Meia noite, 9 de julho de 1932. Cabo Mario fez questão de anotar o por menor. Sua experiência da campanha do General Isidoro fizera com que não se desfizesse do equipamento: mochila às costas, mosqueteio á tiracolo, tudo legal. Daí, sobrar-lhe tempo, para gosar a situação, enquanto aos sonolentos eram puxados os lençóis e os «puladores» corriam da cidade para se apresentarem aos seus pelotões.

O Regimento partiu em caminhões, ao amanhecer. A porta do quartel estava apinhada de civis.

As mulheres, na sua maioria la-

vadeiras, donas de pensão, namoradas e membros da família de oficiais e praças, acenavam, desejavam boa sorte, choravam. No portão das armas, uma criatura estava inquieta. Andava, parava, chorava, fazia festa. A separação fazia-a entristecer mais que a todo mundo. Sua amizade era disputada pelo Regimento. Sim, tenente Allan, o senhor mostrou-se também amigo de nossa mascote ao determinar ao 108 que apasne a Sinhá Moça e a traga para o caminhão. A cachorrinha é mesmo um amor.

Os caminhões corriam a velocidade de uns 40 Km., em fila indiana. Alguns recrutas tinham uma memória grudada em imagens distantes, a turma do rancho preparava o boião, Sinhá Moça cochilava sobre uma mochila, os engajados jogavam carta às escondidas do sargenteante.

O almôço não saiu antes de 1 hora da tarde, quando, então, houve o pequeno alto. Descemos todos e fornimos a marmitta, junto à viatura onde se instalava o fogão de campanha. Negro Alcides, o cozinheiro, estava como queria estar: sorridente e feliz porque sua gororoba era agora obrigatória a todos. No Regimento, a turma a evitava com dispensas e desarranchementos. Não, ali naquelas circunstâncias, era aceita-la e agradecer a Deus a mesa farta.

A asía poderia vir depois mas, para que diabo serviam o Capitão Médico e o sargento enfermeiro?... De novo nos caminhões, a tropa seguia pela Rio-S. Paulo. Um mulato forte, gaúcho da fronteira, cantava ao violão um corrido. Sua pronúncia, para usar termo de seu Estado, era uma barbaridade. Em transposição fonética, o que dizia na sua canção era isto:

«Na estazon premêra arranjaste um diploma unas cabrocha que vive na roça que só uno horors...»

Não é sem razão que os gramáticos imputam aos soldados romanos a degenerescência do latim erudito para o latim bárbaro, ou de quartel.

O corrido estava prestes a retornar ao estribilho, com o gaúcho a pronunciar roça como se fosse «bicho água» quando um ronco começou a zunir-nos os ouvidos e lá surgiu no céu um avião vermelho.

— Que faz esse gavião sobre nossas cabeças?

— Querendo agarrar pintos empoalhados no caminhão, disse em tom amargo o 148.

Tô com vontade de atirar neste peste, esclareceu o 87, paraibano, de Quixabeira. Todo mundo riu. Mas o riso cessou depressa. Em vôo de vasante, o vermelho do Capitão Muricy quase decepa nossas cabeças com o gume das asas.

A viagem rodoviária terminou quando na cidade de Cruzeiro o Regimento recebeu ordens para descer e ocupar

o Armazem de Café, próximo à estação da E. Ferro.

Foi sorte a gente chegar a Cruzeiro. Ai ficamos sabendo que havia uma revolução entre São Paulo e a ditadura. E mais, que também estávamos na brancada, ao lado das forças constitucionalistas.

Quem o dizia era o povo com os seus vibrantes vivas a São Paulo e ao glorioso 5.º R.I., de Lorena. E quem o ratificava eram os nossos oficiais com assentimentos de continência diante da bandeira de 13 listras, que as moças acabavam de nos oferecer «para que a defendessemos com as nossas armas e convicções».

Mas, Cruzeiro ainda não era o front. Este lá estava em Salto, na divisa de S. Paulo-Rio. Lá chegariam uma semana depois. Agora era gosar do que nos oferecia a cidade empolgada pela revolução. Assim é a idéia de morte: em seu nome cometemos todos os desatinos possíveis porque temos a ação e o raciocínio dirigidos por um desprendimento que é lírico mas que também se dosa de cinismo. Tudo nos significava bastante antes do batismo de fogo. Um olhar de mulher, um copo de cachaca, a hipótese de perder tanta beleza que a vida oferece mas que, nem ela própria concede o instante em que tudo isso pode cessar.

Assim era Cruzeiro em 1932. Tropas partindo para o Tinel, Tropas chegando de São Paulo, boatos oriundos de todos os cantos. A compensação era tomar lanche nos postos M.M.D.C. porque o lanche vinha oferecido pelas mãos de mulher e ela, a mulher paulista de 32, reeditava a estirpe feminina que, no passado, oferecendo o seu carinho e a sua resolução, fez do paulista o criador da pátria maior. No amparo de seu olhar, no calor de seu carinho ou no romanesco nascido de um beijo, fazíamos o nosso teste para enfrentar o inimigo.

Sem dúvida, Cruzeiro ainda não era o front mas o Q.G. de nossas forças, o ponto de partida da ação. Ao front chegariam de comboio. Haveríamos de ter recepção condigna, propiciada pela artilharia inimiga. A bala destrocava a máquina do comboio e nós, pelo inusitado da coisa, nos jogáramos todos do trem. Eu caíra em um valo e teria os braços e as costas escalavrados. E, refletos do susto, sem dizer palavra, olháramos o tenente Marcelino passar de maca, com o rosto em sangue e a carne exposta nas pernas.

Isso, no entanto, era nada para quem acabava de chegar a fim de participar de combates dentro de cemitérios e comer farofa de jabá no marmitta desajeitado que o Exército daquele tempo usava.

Sim. Ali em Salto ficava o front e no front de Salto estava o 5.º R.I.

— Cabo Mario!

— Pronto, meu tenente!

— Toque avançar!!!

Resenha de Noticias

Estão anunciando para breve nas edições "O Cruzeiro", a publicação dos seguintes romances: de Raquel de Queiroz, 'O Galo de Ouro'; de Armino Pereira, 'Flagelo'; de José Cândido de Carvalho, 'Olha para o Céu, Frederico'; e de Maria de Lourdes Teixeira, 'O Banco de Três Lugares', os três últimos em segunda edição.

Encontra-se em S. Paulo a jornalista italiana Mercedes La Valle, que muito tem feito pela divulgação de nossa literatura em sua patria e que ainda há pouco publicou uma antologia de poesia brasileira.

O Clube de Poesia está distribuindo, inteiramente grátis, exemplares de livros sue tem editado, às bibliotecas de colégios e instituições culturais, por intermédio do diretor do seu departamento editorial, Milton de Godói Campos.

Ligia Fagundes Teles já encontrou nome definitivo para seu novo livro a ser editado pela Livraria José Olympio. Chamar-se-á "Histórias do Desencanto". Será um volume de contos.

As Edições Barytra farão três novos lançamentos no mês de Agosto. O primeiro é a novela "A Amazona", da escritora pernambucana, Consuelo dos Reis e Mello, detentora do Premio Literário "Prof. Nami Jafet. Os outros dois livros são: "As Felas Também Amam", romance de Jorge Carreiro, que é o primeiro volume de uma trilogia intitulada, "O Bezzerro de Ouro", e "Aladino e a Lampada Mágica", novela fantástica da série "As mil e Uma Noites", em tradução direta do original pelos escritores Cecilio J. Carreiro e Jorge Carreiro.

Assumiu a presidência da Comissão Municipal de Literatura o médico e escritor, Dr. Homero Silveira.

Dando prosseguimento a publicação de sua "Historia Geral das Civilizações", a Difusão Européia do Livro acaba de lançar o 9.º volume do quarto tomo, que abrange "Os Séculos XVI e XVII" em tradução de Victor Ramos e J. Guineburg.

Canção de um Cavaleiro Andante de 32

Sadi Carnot Santana

Não sou amante que morre pela amada. Sou amante que luta, fere, vence e hasteia a bandeira em sua honra.

Venho de batalhas imaginárias. No dorso do corcel, a lança em riste, matei camondongos no paiol do rei...

Meu passado de lutas os menestres cantarão. Sem o pó da vaidade do cavaleiro há de ficar memória...

Dirão tudo os menestres de minhas curiosas andanças em desfavor ao que cerceia...

Minha glória não será nunca nem dita, nem cantada com beleza se as letras omitirem esta verdade:

Em 32, minhas andanças, não imaginárias, conheceram batalhas reais em Salto, em Silveiras, não sei onde mais.

Em 32, pela bandeira das 13 listras, no dorso do corcel, a lança em riste, matei camondongos no paiol do rei...

Acaba de aparecer o volume LXII da "Enciclopedia Universal da Fábula", editada pela Editora das Américas e que contém: "Len. das Gregas" de Gustav Schwab, "Contos Gregos", de Herodoto e Zenofonte, e "Fábulas" de Pedro. Tradução de A. Della Nina com ilustrações de N. Mengden.

Em lançamento da Editora José Olympio, acaba de aparecer a 12.ª Edição de "Rubáiyát", de Omar Khayyam, em magnífica tradução de Octavio Tarquino de Souza, com prefácio de Tristão de Athayde.

Firme no seu propósito de divulgar no Brasil os romancistas e escritores franceses contemporâneos, a Difusão Européia do Livro, depois de "A Convidada" de Simone de Beauvoir e "A Idade da Razão", de J. P. Sartre, apresenta-nos, "O Diabo no Corpo", de Raymond Radiguet, em tradução de Moacyr Werneck de Castro.



Para os dias frios, desta estação, sugerimos este elegante modelo confeccionado em lã verde-garrafa. A blusa é adornada por um gracioso laço de lã branca. A saia é justa, tendo na frente, uma prega pespontada.

Leia e Propague A TRIBUNA DE SÃO PAULO